



COLEÇÃO
20 POEMAS

Heloisa de Souza

Mensagens para Botero



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Heloisa de

Heloisa de Souza : mensagens para Botero [livro eletrônico] : 20 poemas feitos pela autora / Heloisa de Souza ; [ilustrações da autora] ; organização Jiddu Krishnamurti Saldanha. -- Saquarema, RJ : Jiddu Krishnamurti Saldanha, 2026. -- (Coleção 20 poemas ; 4)

PDF

ISBN 978-85-905540-8-0

1. Animais de estimação 2. Poesia brasileira
I. Saldanha, Jiddu Krishnamurti. II. Título
III. Série.

26-369425.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

**Dedicado a Botero, meu cão que partiu e
deixou muita saudade.**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	PÁG - 5
APRESENTAÇÃO	PÁG - 6
BOTERO ANGULO	PÁG - 9
CHORO	PÁG - 10
BOTECO	PÁG - 11
CACHORRO	PÁG - 12
ESCONDE-ESCONDE	PÁG - 13
FANTASMAS	PÁG - 14
A BOCA BANGUELA	PÁG - 15
ESTRELA	PÁG - 16
HAICAIS-TRAVERSURAS	PÁG - 17
OS RISOS AVISAM	PÁG - 18
TÊNIS MASTIGADO	PÁG - 19
VASO EM DESPEDIDA	PÁG - 20
JARDIM PELA SALA	PÁG - 21
MENINO E FILHOTE	PÁG - 22
RISOS PELA CASA	PÁG - 23
A CRIANÇA CAI	PÁG - 24
CADERNOS NEGROS	PÁG - 25
LUZ, CÂMERA, AÇÃO	PÁG - 26
CORPOS	PÁG - 27
QUEM SOU EU	PÁG - 28
SOBRE A AUTORA	PÁG - 29
SAIBA MAIS	PÁG - 30

Introdução

A coleção “20 Poemas” nasce de uma compreensão simples: o leitor de literatura digital busca leveza, objetividade e impacto. Textos longos, cheios de introduções intermináveis, funcionam mal no universo rápido das telas. Por isso, cada e-Book da coleção traz apenas o essencial — vinte poemas que representam a força criativa de um autor. São obras distribuídas gratuitamente porque cumprem um papel estratégico: fortalecem o marketing literário de cada escritor e ampliam sua presença entre os leitores digitais.

O *Portal Ornitorrincobala* abriga uma biblioteca digital que cresce dia após dia, reunindo vozes diversas e potentes. O time de autores que compõe esse acervo tem ganhado destaque nas redes, criando movimento, conversa e curiosidade. Quem lê sente vontade de participar; quem escreve sonha em fazer parte dessa vitrine que valoriza talentos reais.

Chegar até aqui exigiu trabalho intenso, dedicação contínua, longas revisões, parcerias, noites mal dormidas e um compromisso genuíno com a literatura independente. O *Ornitorrincobala* é fruto de persistência — e de amor pela palavra.

Heloisa de Souza representa a força literária do nosso portal. Tendo participado de diversas antologias, ela vem agora contribuir com sua literatura amorosa e dedicada ao seu cão, Botero, que se foi neste ano de 2026.

Jiddu Krishnamurti Saldanha: Editor chefe e criador da biblioteca digital Ornitorrincobala.



Apresentação

“Tupã está me ajudando”

Tupã está me ajudando. Este é mote do conto popular de origem indígena “Onça e o bode” que se encontrava no único livro que possuíamos em casa. Era um livro já sem capa, com páginas amareladas que, além dos contos populares, tinha receitas de chás medicinais. Cresci ouvindo minha mãe ler, com muita dificuldade na época, a história destes dois animais, que se revezam, sem saber, na construção de uma casa. Ao chegarem-na construção e perceberem uma benfeitoria realizada pelo outro animal, dizem a frase “Tupã está me ajudando”. Foi só quando a casa ficou pronta, na hora da mudança, que depararam-se um com outro e entenderam a situação. Eu, pequena, ouvindo esta e outras narrativas, admirava como uma mulher que sempre foi radical no cristianismo podia ler tão tranquilamente a ovação a Tupã. Foi ali que entendi o poder da leitura: fazer-nos vivenciar algo muito distante da nossa realidade. Uma coisa que em outro contexto seria um pecado para minha mãe, falar o deus Tupã, durante a leitura não se constituía em problema, pois não era ela quem falava, era o narrador. Era anos 70, morávamos na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, em uma cidade, como na música de Caetano Veloso, não tinha livraria, não que tivéssemos grana para “gastar” com livros, mas este dado mostra o quanto o objeto livro era precioso para nós. O quanto aquelas poucas histórias tomavam conta da minha imaginação transportando-me para matas e florestas encantadas muito diferente do bairro abandonado pelo poder público no qual vivíamos: nem cidade grande, nem campo. Era a mistura do non-nada de Guimarães Rosa com o melhor lugar do mundo, pelo meu olhar infantil quando estas histórias eram lidas para nós.



Quis logo aprender a ler para acessar aquelas histórias na hora que desejasse. Não queria esperar o almoço, momento em que minha mãe lia para eu me distrair e acabar comendo a refeição feita com carinho pela minha irmã mais velha. A leitura tornou-se assim um alimento necessário, uma fonte de prazer e afetos, que acabei transformando em profissão quando fui para a faculdade de Letras da UFF, anos mais tarde. Fui com o objetivo de ser crítica literária, depois me apaixonei pela educação e quis também eu, saciar, pela literatura, a fome da imaginação de alguém.

Heloisa de Souza - Professora e Poeta





Botero Angulo

Chegaste em um período muito difícil para a humanidade
Vieste com festas e alegrias a cada reencontro, como se fosse o único e último
Colocava-nos para correr atrás de ti,
Queríamos te agradar
E foste a fonte nossa mais pura alegria.
Te demos todo amor que podia
Retribuíste com chinelas mastigadas
Óculos quebrados
Mas era impossível brigar contigo.
Era só esticar os olhos cumpridos e fazer cara de chorão
Que já estávamos rindo, tentando te consolar.
Quando tu ouvias um barulho no portão,
paravas na porta como que pedindo que o acompanhasse.
Éramos os seguranças.
Foste em muitos dias difíceis, a alegria da casa
Agora partes assim
Seu sofrimento repercute em nós em dores profundas
Estamos tristes demais para te dizer adeus
Então apenas dizemos:
__ Sai Botero, vai brincar lá fora.

Choro

Choro pela ausência sua
Choro porque eu poderia ter amenizado suas dores
Choro pelas dores que não posso amenizar
Choro pelos meninos de Gaza mortos enquanto aprendiam a lição
Choro pelas meninas mortas na escola de Uganda.
Pela criança que chora de fome e não consigo brincar, só dormir
Pelo trabalhador que brutalizado, apenas distrata seu igual
Pela violência que vejo pela janela,
Bem no momento que uma revoada de maritacas corta os céus.
Nestes momentos me distraio e consigo até sorrir.

Boteco

Chegaste assim: uma bolinha redonda fazedora de xixi
Molhavas tudo o tempo todo;
A alegria do reencontro era brindada pelo líquido quente
E amarelado que esquentava nosso colo.
Como nomear uma figura tão cheinha e rebolativa?
As figuras de Fernando Botero se materializavam em você.
Botero Angulo, batizado éramos nós por você sempre que
Estavas eufórico.
__Como é o nome do cachorro, dona? Boteco?
Depois de repetir diversas vezes, confirmávamos por preguiça.
Pela sua expressão achávamos que você também ria da situação.
Reinaste absoluto em nosso quintal, casa e coração.

Cachorro

Cadê os saguis que saltitavam pelos muros?
O cachorro botou para correr.
Cadê as meias que estavam em meus sapatos?
O cachorro pegou a correr
Cadê meus óculos, a esponja da pia, as sandálias...
O cachorro, o cachorro, o cachorro.
O cachorro danado!
Passa daqui...
Lá vem o cachorro,
Rabo entre as pernas,
Olhar de pedinte,
Deita de bruços oferecendo a barriguinha
Para receber festinha!

Esconde-esconde

A boca banguela,
que não é a baía de Guanabara,
sorri para o mundo
querendo brincar.
Observa o entorno,
Buscando a quem encantar
com seu jogo de esconde-esconde
projeta e esconde a cabeça sobre os ombros da mãe.
Insiste na brincadeira.
Constrange o adulto
Que em vão tenta ignorar.

Fantasmas

Guardamos fantasmas, bem guardadinhos em lugares impenetráveis
em nós.

o fantasma de um amor perfeito
na figura de alguém que mal convivemos
mas que poderia ter sido exato

Esta figura está lá imóvel cristalizada no tempo como um ator em um
filme antigo.

Sempre recorremos a ela

Agarrando-nos a uma possibilidade inexistente,
mas que conforta na desvirada
imaginação quando o presente
se faz difícil:

Mas eu ainda tenho o amor,
e posso acessá-lo.

Como no filme, o ator envelheceu é outra pessoa que não
reconhecemos mais.

Estrela

Já tive uma estrela que guardava escondida
No lugar mais impenetrável em mim.
Estrelas já estão mortas quando você as vê.
Diziam todos quando falava sobre ela.
Esqueci-me que estrelas são feitas
Da mais fina teia de poesia
Paradoxalmente sensível e forte,
E não da realidade explicada pela astronomia.
E por isso resistia ali vivíssima a iluminar-me.
Mas escutei a razão e abandonei-a então.

Haicais – Travessuras



**Os risos avisam
as crianças estão lá
É festa instalada**



**Tênis mastigado,
no chão, neve de almofada –
rabo pede paz.**



**Vaso em despedida,
latidos correm pela casa,
o dono suspira.**



**Jardim pela sala,
papéis voam como folhas -
olhos cheios de festa.**



**Menino e filhote,
um pinta a parede, o outro
desfia o tapete.**



**Risos pela casa,
migalhas, brinquedos, pegadas -
infância em dobro.**



**A criança cai,
o cão corre atrás do vento –
ambos aprendendo.**



Os três poemas a seguir
foram publicados nos
Cadernos Negros 43. Criada
em 1978 pelo grupo
Quilombhoje, no contexto do
Movimento Negro Unificado
(MNU), a coleção Cadernos
Negros consolidou-se como
um marco da literatura afro-
brasileira ao enfrentar o
apagamento e as
representações
estereotipadas da população
negra. A próxima edição dos
Cadernos Negros 46, também
conterá um texto de
Heloísa de Souza: um conto
intitulado “ A professora “.

Luz, câmera, ação

Como reprises em looping,
O filme que repete o protagonista
Continua fazendo vilão de pele negra,
Só pra justificar sua morte
Em cena sensacionalista.
Corta!
Ignoramos os sinais, eles se fortaleciam
Tentando nos separar pelo medo e discórdia.
Polvo de tentáculos disfarçados,
Verte tinta negra
Criando pseudo-irmãos.
Cains que acreditam em igualdade,
Matam para agradar o predador.
Luz, câmera, ação!
Sob nova direção, mudamos
Atores e enredo.
Ouve-se um choro inconformado
No final da sessão!

(Cadernos Negros nº43)

Corpos

Com alegria, corpos dançantes
Ao batuque de atabaques,
Replicam a força que vem de longe,
Rompem barreiras, criam mundos,
Encontram semelhantes, despertam amores.
Suores de prazer fazem esquecer os dias
E a lua segue alta.
Reafirmo minha identidade.
Falta-me representatividade do lado de fora,
Espelhos mágicos não me revelam,
Revelam a outra que a branquitude deseja.
A que se espera tem cabelos e corpo contidos,
Tem a fala adaptada ao discurso aceitável.
Cale-se, adeque-se e recomponha-se.
O imperativo disfarçado em solidariedade
Em bocas racistas.
Mas o batuque insiste, rompe a manhã,
Inaugura o novo.

(Cadernos Negros nº43)

Quem sou eu?

A velha questão da filosofia retorna.
De tempos em tempos, ciclos e ciclos,
Revejo meus cabelos, peitos, lábios,
Pensamentos.
Reconecto-me com os que vieram antes
Pelo que me faz reconhecer a manhã.
Fragmentos de nós
Ah, pequena criança
de instintos tão febris,
mal sabes da violência
e das falas hostis.
Dormes em paz, enquanto não sabes
que és renegada.
Enquanto não vira estatística,
sua existência desprezada.
Levantando seu black bem alto,
ela caminha sabendo a força que mantém
o olhar de soslaio à moça que discute
sem viver as lutas que a pele mais preta tem.
O barulho do mar toca meus sentidos,
que me lançam em mundos outros de histórias
invertidas.
Embebedo-me dos amores negados,
dos risos roubados,
dos beijos afetuosos trocados à luz da lua.
A mulher-mãe-profissional-amiga-filha
acomoda-se na menina feliz que brinca na rua.
Não há nada de ruim.
Um sonho afrofuturista insiste em se agarrar em mim.
Fico imóvel para não perdê-lo.

(Cadernos Negros nº43)

Os raios de sol invadem o cômodo,
iluminam o corpo adormecido
que se deixa esquecer no sofá
como uma pêra se esquece
dormindo numa fruteira
afundado como sonhos
perdidos

Sobre a autora:



Heloisa de Souza é filha de Acedina Maria de Souza e mãe de Pedro e Ana. Tem dois Joaquins na sua vida: seu marido e seu neto. E, por escolha, há 32 anos professora da Educação Básica de escolas públicas. Mestra em Letras, entende a literatura como fonte de prazer, pois expressa, como outras artes, todas as subjetividades humanas. Pesquisa sobre as contribuições da literatura de autoria negra e periférica para o fortalecimento da identidade negra positivada nos estudantes da escola pública. Lançou um livro infantil em 2020, *As Perguntas de Iana* (Acompanhamento Editorial, 2020), e participou de algumas coletâneas como *Cadernos Negros Volume 13* (Quilombhoje, 2021): *Carolinas: a Nova*

Geração de Escritoras Negras Brasileiras (Bazar do Tempo, Flup) 2021); e *Selo OffFlip*



@heloisaprof

[clique aqui para entrar na página da autora](#)

Saiba mais

Você pode ler digitalmente outros poemas de **Heloisa de Souza**. Basta acessar a página da autora no portal OrnitorrincoBala.



[clique aqui](#)

FICHA TÉCNICA

COLEÇÃO 20 POEMAS
Do Portal Ornitorrincobala

Nº 4

Heloisa de Souza
20 poemas feitos pela autora

Projeto Gráfico e Capa
Jidduks

ISBN nº 978-85-905540-8-0

CLIQUE AQUI



Ornitorrincobala - 2026